

Unilateralismo ostensivo e pouco esclarecido REMENDO DA RELAÇÃO EUA-EUROPA SERÁ DIFÍCIL E LENTO

MARCELO DE PAIVA ABREU

A Praça Lafayette fica em frente à Casa Branca. Nestes dias turbulentos, está ocupada por policiais para evitar que manifestantes contra a guerra do Iraque tenham acesso aos portões da residência oficial. No seu centro há uma estátua equestre do presidente Andrew Jackson, a velha aroeira, famoso por derrotar os britânicos em Nova Orleans em 1812. Os dois outros lugares de honra na praça, face à Casa Branca, são ocupados por estátuas do próprio marquês de Lafayette (em homenagem também aos seus compatriotas) e do conde de Rochambeau, dois grandes vultos da guerra de independência dos EUA, importantes na derrota e rendição dos britânicos em Yorktown. Do lado oposto da praça, outros dois heróis europeus da independência, os generais Tadeu Kosciuszko, polonês, e barão Von Steuben, prussiano.

O contraste entre estas homenagens enraizadas na história norte-americana e o momento atual das relações internacionais dos EUA é brutal. Só os poloneses podem ser encontrados entre a Armata Brancaleone que compõe o grosso da "aliança dos dispostos". Pelo menos enviaram comandos ao Iraque, evitando apelar para o truque de mandar um destacamento especializado em guerra química ou apenas endossar publicamente a posição dos EUA. O inimigo de 1781, a Grã-Bretanha, é hoje o principal aliado dos EUA, embora em posição muito subordinada. Mesmo que seja tradição britânica que os trabalhistas tenham relações mais estreitas com Washington do que os conservadores, não há precedente para a teimosia de Blair, colocando em perigo a sua confortável maioria parlamentar e sob tensão o projeto europeu.

Não há também precedente para o desrespeito da imprensa popular londrina, ao referir-se ao primeiro-ministro como "Mr. Bush's poodle". A França, a velha aliada, tornou-se objeto de chacota nos EUA. Não falta quem lembre a cada minuto que teve de ser "salva" pelos EUA nas duas guerras mundiais. A Rússia, outra ingrata, está em débito com os EUA que a livraram do stalinismo. É o império da memória seletiva, da contabilidade histórica distorcida. Um mundo sem Franco, sem Mussolini, onde todos têm interesses meio perversos, fora os EUA.

Não há indícios de que a vitória dos EUA no Iraque vá fazer com que desapareçam as fontes de atrito com os seus antigos aliados da campanha do Afeganistão. A apresentação de provas cabais de que o Iraque dispunha de armas de destruição maciça é essencial para a justificativa de sua política agressiva. É difícil aceitar a tese da "dúvida razoável". Por outro lado, já teve início a controvérsia sobre quem vai pagar a conta da destruição no Iraque. Os alemães, em meio à sua intensa crise fiscal, começam a sugerir que a responsabilidade é de quem agiu sem mandato multilateral. Enquanto os franceses e alemães insistem em que a responsabilidade pela administração do Iraque seja coletiva, os EUA não parecem dispostos a repartir o controle durante a reconstrução. Blair alega que a futura administração do país precisará de respaldo da "autoridade da ONU". Mas nada se ouviu em Washington que possa confirmar esta posição.

As dificuldades quanto ao papel futuro da ONU em um mundo dominado pelo unilateralismo são óbvias. O arranjo da conferência de São Francisco em 1945 era claramente orwelliano: cinco animais mais iguais do que outros tinham poder de veto no Conselho de Segurança. Era adequado em um mundo bipolar. Em um mundo dominado pelo unilateralismo pouco esclarecido, o ideal para o país hegemônico é o monopólio no uso do poder de veto de facto mantendo, se possível, a ficção do multilateralismo. Esta deterioração das relações entre aliados recentes na ONU ameaça alastrar-se aos foros econômicos, como parecem indicar as reações recentes nos EUA a decisões na OMC desfavoráveis aos seus interesses.

A intransigência norte-americana conferiu dignidade inesperada a Jacques Chirac. Por incrível que pareça, a posição da França de Chirac não está muito longe de fazer justiça à célebre frase do general De Gaulle no início das suas memórias: "Sempre tive uma certa idéia acerca da França" - "Je me suis toujours fait une certaine idée de la France." Para De Gaulle, não era a França que era imortal, imortal era a sua idéia da França.

Os danos para a França advindos do confronto com os EUA são substanciais.

Algo menores para a Alemanha que é vista em Washington preponderantemente como vítima de más companhias. Talvez porque, realisticamente, se julgue que uma provável derrota da social democracia na Alemanha deixaria a França isolada. De qualquer forma, está colocada em questão a preponderância política do eixo Paris-Berlim sobre os demais parceiros no quadro europeu.

Confirmou-se a suspeita de De Gaulle quanto ao papel do Reino Unido como cavalo de Tróia para defender os interesses norte-americanos na Europa unida. A oposição dos governos conservadores da Espanha e da Itália, ao arrepio dos respectivos eleitorados, é menos preocupante, pois dificilmente sobreviverá a uma natural alternância eleitoral. Já a importância numérica dos ex-membros do pacto de Varsóvia, candidatos à entrada na União Européia dos 25, e que constituem significativo segmento da aliança dos dispostos, é bem mais preocupante do ponto de vista de Paris e de Berlim. O temor à Rússia ainda parece dominar a sua política. A aliança franco-alemã, fulcro histórico da União Européia, necessita de uma reformulação de sua política de alianças internas e externas que compense os danos nas relações com os EUA que poderão ser agravados após a vitória. Essas mudanças radicais no cenário internacional devem ser digeridas pela diplomacia brasileira e poderão criar oportunidades e obstáculos inexistentes antes que os EUA se decidissem pelo unilateralismo ostensivo.

Marcelo de Paiva Abreu é professor do Departamento de Economia da PUC-Rio